

De Alexander Pope a Thomas Gray

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "De Alexander Pope a Thomas Gray", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 289-293.

DE ALEXANDER POPE
A THOMAS GRAY

COMO já dissemos na emissão anterior, o século XVIII está longe de constituir, em toda a Europa, uma época muito fecunda em autêntica poesia. Mas oferece-nos, de qualquer modo, um curioso espectáculo, sobretudo no que se refere aos grandes conflitos, que ao longo dele se desenvolvem, entre a razão e o gosto, a lógica e a intuição, o pensamento e o sentimento, o respeito pela tradição e as tendências revolucionariamente inovadoras. Por outro lado, uma certa aceleração da História — que erradamente supomos ser uma característica exclusiva dos nossos dias — é justamente no século XVIII que começa a manifestar-se — e, dentro do campo que mais nos interessa, até no que respeita à rápida sucessão de modas e de modos poéticos; à incessante substituição de valores, de padrões, de formas de sensibilidade e de formas de expressão. Mas é sem dúvida na Inglaterra que esse movimento «acelerado» principia mais cedo a verificar-se: e os dois poetas de quem hoje vamos falar — Alexander Pope e Thomas Gray —, parecem na verdade pertencer a séculos distintos e distantes ou, até mesmo, a universos irremediavelmente antagónicos. No entanto, medeiam apenas vinte e sete anos entre as datas dos seus respectivos nascimentos; e, por coincidência, outros tantos vinte e sete anos entre as datas das suas mortes...

Pope, que nasceu em 1688 e morreu em 1744, representa, antes de mais, na Inglaterra — e para a Inglaterra —, um papel semelhante ao que tinha sido desempenhado, em França, pelo poeta e crítico Boileau — esse Boileau, a quem já aqui oportunamente nos referimos, e que Pope tomou voluntariamente como seu modelo, principalmente na obra *Ensaio sobre a Crítica*, a qual, não obstante o título, se apresenta sob a forma de um poema em verso... Perfeitamente de acordo com o espírito neoclássico que dominava também na arquitectura da época, o poema didáctico de Pope trata de aplicar aos próprios críticos os princípios que Boileau recomendava aos poetas — e a sua falta de originalidade é no entanto compensada pelo rigor da dicção, a qualidade da ironia, e pelo valor documental que apresenta. Em tradução da Marquesa de Alorna, vamos seguidamente passar em revista alguns passos do poema, começando por chamar a atenção para este em que Pope, comparando os malefícios de um mau poeta e de um mau crítico, acaba por preferir os de um mau poeta:

*Não sei dizer qual mostra menos arte,
Se quem escreve mal, se quem mal julga;
Entre ambos menos riscos há, menos dana
O que me cansa que esse que me engana;
Dos primeiros há poucos, muitos destes;
Por um que escreve mal, dez mal censuram:
Um néscio a si somente expõe, rimando;
Mas este em verso, vale dez em prosa.*

*Como os relógios são nossos juízos;
Nenhum vai certo, e todos crêem no próprio.
No vate engenho genuíno é raro;
E mais raro entre os críticos o gosto:
Uns e outros do céu precisam luzes;
Críticos nascem, bem como os poetas.
Os excelentes só, outros ensinem;
E só quem bem compõe, livre censure.
Autores parciais do próprio gênio
Pode haver é verdade; mas é menos
Parcial do que opina quem critica?*

Mais adiante, Alexander Pope — que viveu, na altura em que escrevia o *Ensaio sobre a Crítica*, nesta casa do bosque de Windsor — desenvolve assim as suas ideias sobre os «limites» do crítico:

*Alguns, antes de serem vates, foram
Por homens de juízo reputados;
Deram-se à crítica, e asnos se provaram.
Ó vós, que buscais dar, merecer fama,
Alcançar de censor o nobre nome,
Avistai os limites até onde
O gênio, o gosto, o saber vosso chega:
Não vos lanceis além, sede prudentes;
Fixai bem esse ponto em que se encontram
Senso e tolice, transgredindo a meta.*

*As coisas têm limites próprios, todas,
Com as quais sabiamente a natureza
Quebra a esperteza vã do presumido.
Bem como em terras onde o mar, ganhando,
Deixa areais estéreis, noutras charcos;
N'alma aonde a memória predomina,*

*O poder do intelecto desfalece;
Se a fantasia cálida vagueia,
Da memória as espécies brandas fogem.
Uma consciência pede um génio inteiro:
Tão vasta é arte e curta a mente humana;
Limitada não só a certas artes,
Mas nessas mesmas só capaz de partes.
Perdemos como os reis, essas conquistas
Que fizeram vaidosos, só guiados
Pela estulta ambição de fazer muitas;
Manda bem cada qual sua província,
Se se acomoda àquilo só que entende.*

Cerca de vinte anos depois do *Ensaio sobre a Crítica* escreveu Pope outro longo poema didáctico — o *Ensaio sobre o Homem* — que é um bom testemunho das concepções iluministas do século XVIII sobre a natureza humana — mas também nesta obra, a despeito da sua evidente monumentalidade, a poesia não abunda, pelo menos aquilo que hoje consideramos poesia. Entretanto, em Londres, na Londres do século XVIII, Alexander Pope, através de uma produção sempre crescente, tinha-se tornado o árbitro do bom gosto em matéria poética; mas temos, de qualquer modo, de retornar ao seu *Ensaio sobre a Crítica* para compreendermos o valor, sobretudo moral, da sua acção pedagógica no campo das letras:

*Pelos marcos que pôs a natureza
Formai vossos juízos, segui esta:
É sempre a mesma, certa, invariável;
Com luz universal em tudo brilha;
Vida, força e beleza nos reparte,
Que são origem, fim e prova de Arte.
Não legou, descobriu a Antiguidade
Essas regras que estão na natureza;
São natureza, o método a restringe;
Bem como se restringe a liberdade
Coas mesmas leis que a liberdade cria.
Vós cujo entendimento bem navega,
Julgai bem dos antigos o carácter;
Em cada folha discerni com gosto
A fábula, o assunto, o fim proposto;
Religião, país, génio da idade:
Sem ter nisto, a um tempo, os olhos fitos,
Invectivar podeis, criticar nunca.
É a soberba, dos tolos vício certo.*

*Quanto em mérito nega a natureza
Suprem remendos de preciso orgulho;
E assim como nos corpos, n'alma achamos
Que onde espírito e sangue falta há vento:
Trepá a soberba onde o juízo é nulo,
E se defende enchendo os vãos que encontra.
Se a razão chega, e esse vapor dissipa,
Sobre nós desce e rompe o dia claro
Da Verdade, com luz irresistível.*

E falemos agora de Thomas Gray — que nasceu em 1715 e viria a morrer em 1771. Autor de uma obra poética relativamente escassa (ao contrário de Pope), a sua composição mais célebre é a *Elegia Escrita Num Cemitério de Aldeia* — com a qual «inaugurou» (se assim se pode dizer...) a poesia pré-romântica, sobretudo no que se refere ao gosto pela solidão campestre e pelos ambientes sepulcrais. Ela está mesmo na origem da chamada «poesia sepulcral» que, um século depois, entre nós, viria ainda a repercutir-se no «Noivado do Sepulcro», de Soares de Passos... Por outras palavras: sem Thomas Gray, não teria havido Soares de Passos. Agradeçam pois a Thomas Gray, ou amaldiçoem-no, consoante a estima que Soares de Passos lhes mereça...

É claro que entre Thomas Gray e Soares de Passos houve muitos intermediários... Mas o primeiro, entre nós, foi talvez a Marquesa de Alorna que também traduziu a *Elegia Escrita Num Cemitério de Aldeia*. Aliás, a simples circunstância de ela ter traduzido Pope e Gray já nos deixa adivinhar as duas vertentes do Pré-Romantismo português: a neoclássica e a romântica... A verdade, porém, é que esta última tradução da Marquesa de Alorna é muito menos feliz que a do *Ensaio sobre a Crítica*. Por isso mesmo, decidi optar por uma tradução moderna, da autoria de Jorge de Sena — grande nome das letras portuguesas contemporâneas, grande figura da cultura portuguesa de todos os tempos, com quem os espectadores da RTP tiveram ocasião, ainda não há muito tempo de contactar directamente. E a escolha desta sua tradução representa ainda, da nossa parte, a homenagem a esta grande obra que Jorge de Sena publicou o ano passado, constituída por admiráveis traduções da poesia universal.

Será, pois, em tradução de Jorge de Sena que iremos ouvir dois excertos da *Elegia Escrita Num Cemitério de Aldeia*. O primeiro excerto é o do início do poema, em que se descreve a deambulação de um passeante solitário através do campo:

*Dobram Trindades pelo dia findo,
sinuoso e lento é o regressar do gado;
e, para o lar o lavrador partindo,
a mim e à treva o mundo deixa dado.*

*Ora se apaga o brilho da paisagem,
todo o ar em paz solene se suspende:
só raro insecto zumbe a sua viagem,
e, ao longe, vago, um tilintar ascende;*

*e só na torre, que se veste de bera,
o piante mocho à lua se lamenta
de quem, passando por sua toca austera,
à régia antiga solidão violenta.*

*Sob os álamos fortes e ensombrados,
arfa em cômoros breves a verdura,
onde da aldeia os ancestrais, deitados,
o sono dormem que p'ra sempre dura.*

*Da madrugada a brisa que perpassa,
ou em colmo dos telhados os gorjeios,
do galo o clarim, trompas de caça,
nada os desperta, tão de sono cheios.*

E é no decurso desta deambulação que o tal passeante solitário — o próprio Thomas Gray —, descobrindo o pequeno cemitério de aldeia, imagina, depois, o passeio de outro caminhante solitário que encontrará, por sua vez, naquele mesmo cemitério, o epitáfio do próprio poeta. Toda a composição, aparentemente muito simples, contando apenas 32 quadras, levou no entanto cerca de oito anos a ser escrita — tal era o rigor e a ânsia de perfeição de Thomas Gray. E o remate é precisamente constituído pelo referido epitáfio:

*Aqui repousa, no terrestre seio,
um jovem que da Fama não viveu.
Se o viu nascer a Ciência sem receio,
Melancolia o bem marcou por seu.*

*De alma sincera, foi bondoso tanto
que os Céus lhe concederam seu abrigo.
Deu à Miséria quanto tinha: o pranto.
E do Céu teve o que pediu: um amigo.*

*Mais mérito, não queiram saber qual,
fraquezas deixem na morada imensa:
trementes de esperança, o bem e o mal
lá dormem no Deus Pai da sua crença.*